

## **NOTA EDITORIAL TEMÁTICA**

### **Dossiê: Ensaios Etnográficos**

O dossiê “Ensaios Etnográficos” é composto por 13 trabalhos realizados por estudantes do Bacharelado em Ciências Humanidades da Universidade Federal do ABC como resultado da disciplina obrigatória “Práticas em Ciências e Humanidade”. Esta disciplina tem como objetivo principal fomentar o desenvolvimento de atividades de pesquisa em ciências humanas por estudantes do Bacharelado interdisciplinar em Ciências e Humanidades (BCH). A disciplina é oferecida para turmas do nono quadrimestre e é formada por estudantes de Ciências econômicas, Filosofia, Planejamento territorial, Políticas públicas e Relações internacionais. O curso visa, de acordo com a sua ementa: “(...) constituir um espaço para a reflexão em torno de exercícios aplicados – produzidos pelos alunos - apoiados nas teorias e escolas de pensamento em Humanidades e Ciências Sociais” (PROJETO PEDAGÓGICO DO BACHARELADO EM CIÊNCIAS E HUMANIDADES, 2015, p. 26).

O resultado dessa experimentação, tradicionalmente, tem sido a produção de artigos científicos. Mas a lida com o texto, nas ciências humanas, é tão variada quanto são as metodologias e as abordagens das diversas disciplinas que compõe o leque das humanidades. Buscou-se, então, encontrar um ponto em comum para que diferentes projetos pudessem lidar com o enfrentamento direto de questões metodológicas.

A proposta escolhida para a oferta da disciplina, realizada com a turma da quarta-feira à tarde no primeiro quadrimestre de 2018, consistiu em debater metodologias qualitativas de pesquisa a partir do recorte da “Etnografia”, o que implica a escolha de um campo de pesquisa (território) e a realização de entrevistas. A etnografia é um tipo de metodologia que fundamenta especialmente a Antropologia, mas que tem sido usada em diferentes campos de conhecimento. Na base da Antropologia entendida como uma ciência está o desafio de conhecer diferentes culturas, de interpretar sua coerência interna e ampliar o conhecimento sobre o humano. Ao longo de sua história, a Antropologia passou por diferentes fases: desde a tentativa de conhecer as diferenças e realizar um amplo catálogo de culturas (evolucionismo e relativismo), até o desafio de encontrar o que faz dessas diferentes culturas uma cultura propriamente humana (estruturalismo). Mas na sua origem está o impacto das cuidadosas descrições feitas nos diversos relatos de viajantes europeus durante a expansão marítima que

inicia o processo de colonização. Através de sua história, podemos encontrar a “etnografia” como uma das etapas metodológicas fundamentais do trabalho antropológico.

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Esta citação do antropólogo inglês Clifford Geertz nos ajuda a mostrar aquilo que é específico da prática da etnografia, mas, mais do que isso, do próprio conhecimento antropológico. Neste sentido, ele ajuda também a moderar os objetivos da disciplina, uma vez que não se tratava de produzir conhecimento em Antropologia, mas mobilizar sua prática de produção de conhecimento para pensar diferentes campos de pesquisa. Apesar disso, a ideia de “descrição densa” se manteve como o grande desafio a ser percebido e sentido; a saber, o desafio de selecionar “o que” e “qual”, dentre todas as informações, visões e escutas realizadas, são os registros mais importantes e relevantes para no desenvolvimento de uma questão para o pesquisador e a pesquisadora.

O trabalho inicial com os e as estudantes consistiu em apresentar, primeiramente, um pouco da história da antropologia e na leitura (apresentada em seminário) de textos etnográficos clássicos. Escolhemos para isso o trabalho de Claude Lévi-Strauss em “Tristes Trópicos” (1996). Porém, o contexto da pesquisa antropológica mudou muito no século XX. O segundo movimento foi aproximar esse conhecimento dos e das estudantes e conhecer alguns exemplos de antropologia urbana da cidade de São Paulo, para o que utilizamos os trabalhos de José Guilherme C. Magnani (2002) e Massimo Canevacci (2004). O terceiro movimento foi a escolha do campo de pesquisa. Assistimos trechos de entrevistas, com José Guilherme Magnani, e trechos do documentário de Eduardo Coutinho, “Peões”, rodado na região do ABC. Tentamos puxar histórias através da memória afetiva de cada um/uma dos/das presentes. Este foi um momento de bastante ansiedade e descoberta para todos e todas envolvidos na disciplina.

Com o campo escolhido, lemos o texto “Trabalho de Campo” (1994), que ajudou a mapear etapa por etapa o percurso de uma pesquisa de campo: os desafios da escolha do campo, a postura quando se chega a campo, como abordar um sujeito de pesquisa, como

estruturar uma entrevista, uso de fotografia, etc. A partir daí, o uso do Diário ou Caderno de Campo se tornou um instrumento fundamental para os e as estudantes. Cada ida a campo deveria ser registrada: impressões, espaços, pessoas, conversas, etc. A cada semana, líamos trechos e discutíamos os desafios. Nessa etapa, o trabalho colaborativo foi fundamental. A criatividade nos surpreendeu, assim como a riqueza de um modelo de pesquisa que não toma como referente primeiro os textos e conceitos, mas onde as perguntas e problemas nascem da experiência. Este formato de aula abriu a possibilidade de instigar o desejo de conhecer algo que não se sabe sem responder de imediato com teorias pré concebidas, mas assumindo, e levando à sério, as pistas fornecidas pelos dados (criados e vividos) da experiência.

Como, para esta disciplina, era especial o caráter de prática e de um aprendizado que se constitui de modo processual, a escolha pela etnografia permitiu aproveitar as diversas formações dos estudantes nos cursos do BCH para que eles e elas testassem a etnografia a partir de seus interesses de pesquisa e de seus campos específicos. Dessa forma, assumimos um modelo de trabalho pedagógico que abria a possibilidade de mobilizar diferentes momentos metodológicos em diferentes conteúdos disciplinares ou problemas de pesquisa.

O recorte realizado tinha, por fim, um objetivo premente: além de aprender uma metodologia qualitativa e mobilizar conhecimentos e interesses prévios dos e das estudantes, era uma prerrogativa articular o conhecimento produzido na Universidade com o território em que ela está inserida. Por isso, uma sugestão foi que a pesquisa etnográfica se realizasse na região do ABC (Santo André, São Bernardo dos Campos, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Rio Grande da Serra) e em regiões e trajetos vinculados à região.

Por fim, sabendo que uma pesquisa etnográfica exige tempo – uma vez que a qualidade das relações em campo é fundamental para o aprofundamento do trabalho, e que não tínhamos o tempo necessário para esse aprofundamento – uma vez que a disciplina se transcorreu em 12 semanas, o trabalho final adquiriu a forma de um “ensaio” etnográfico. A forma ensaio permite (1) manter uma abertura para delinear hipóteses e dar consistência narrativa para ideias que ainda não estão prontas; (2) experimentar narrativamente outros modelos de escrita, mais adequados para pensamentos que estão em processo; (3) envolver subjetivamente o pesquisador com a experiência da pesquisa vivida. Os ensaios etnográficos que vemos neste dossiê seguiram um modelo segundo o qual era necessário: a escolha de título, a escrita em primeira pessoa, a apresentação de um problema e uma hipótese de pesquisa, apoiados em pelo menos uma referência bibliográfica escolhida a partir do encontro

entre o campo de conhecimento e a etnografia; a descrição densa de uma experiência vivida em campo; por fim, uma proposta de interpretação para o problema.

Ao total, foram realizados em torno de 30 ensaios etnográficos. Os ensaios selecionados para esta edição da Revista *Iandê* são aqueles que atingiram estes objetivos propostos. Isso não significa, em hipótese alguma, que os trabalhos que não entraram no dossiê não estivessem interessantes: apenas precisavam de uma maturação maior para a escrita. Por isso, agradecemos a cada um/uma dos alunos e das alunas que se empenharam nesta aventura etnográfica. Se seus trabalhos não estão aqui, foi apenas devido ao tempo extremamente exíguo para a finalização da escrita.

Sobre os ensaios que veremos aqui, podemos dividi-los em 4 blocos a partir do campo selecionado.

Um primeiro, o trabalho realizado em grupo (mas para o qual cada um/uma escreveu seu relato próprio), que enfrentou o desafio de etnografar um espaço extremamente fluído na cidade de São Paulo, por onde passam muitas pessoas e acontecem diferentes atividades diariamente, como é o Centro Cultural São Paulo, na Rua Vergueiro. O grupo que trabalhou este campo teve de conseguir selecionar, dentre tantas informações, aquelas que seriam as mais pertinentes. Para o dossiê foi selecionado o trabalho de Caio Ferreira, “CCSP: as diferentes faces de um espaço orgânico”.

Um segundo, os trabalhos realizados na região do ABC, como: “É Dia de Feira: A Figura Masculina e a Organização do Trabalho nas Barracas de Feira”, de Gabriel Marques da Silva; “Onde está todo mundo”, de Karoliny Mesquita de Oliveira, uma pesquisa etnográfica sobre o centro cultural Casa do Olhar Luiz Sacilotto, um espaço cultural no centro de Santo André; “Memórias Blindadas: Pesquisa etnográfica ao redor da Cidade da Criança”, por Leonardo da Silva Barbosa; *PICADEIRO! A vida e a rotina na itinerância*”, uma etnografia de um circo que ficou instalado próximo à UFABC durante o período da disciplina, por Lucas Mathias Ribeiro.

Um terceiro grupo de trabalhos trata de etnografias que tomaram a Universidade Federal do ABC como campo. São eles: duas etnografias sobre o espaço para trabalhadores terceirizados localizado na “margem” do campus de São Bernardo do Campo, intitulados “Uma etnografia das implicações de poder no território das instalações de trabalhadores terceirizados na Universidade Federal do ABC”, de Matheus Graciosi Pinto, e “O distanciamento territorializado na UFABC - Nós x Eles”, de Giulia Matteo, que trabalham em grupo com mais três colegas; duas etnografias do restaurante Universitário, uma do campus

de São Bernardo do Campo, intitulada “Estudo de campo do Restaurante Universitário: O restaurante é ou se torna um espaço de socialização?”, por Wagner Dumont Carver Asao Cruz, e outra no campus de Santo André “*Vai comer no RU? - um ensaio etnográfico sobre as relações sociais internalizadas ao restaurante universitário do campus Santo André*”, por Rogério Sobral Paulo; por fim, o ensaio de Daniel Donato Ribeiro sobre o “sofá do Beta”, um espaço curioso e autônomo ocupado por estudantes no campus de São Bernardo do Campo, intitulado “UFABC e as tensões do tempo: uma proposta de etnografia” e o de Bruno Castro Dias da Fonseca, intitulado “O sussurrar dos passageiros: relato etnográfico dos corredores dos docentes no Delta”.

No último bloco de textos destacamos o trabalho de Odair Almeida da Silva, “Estudo etnográfico: Potencial psicoterápico do uso ritual da Ayahuasca em contextos neoxamânicos”, que cruzou diferentes espaços, ou melhor, diferentes tempos para pensar rituais de cura; e a dupla Vinícius Pintor e Giovanna Toledo que fizeram uma etnografia de trajetos, acompanhando o cotidiano dos trabalhadores dos trens que ligam São Paulo ao ABC, intitulado “A porta fechou, o perigo passou, o shopping-trem chegou” (este último ensaio foi feito em dupla, o que não era a proposta inicial do trabalho; porém, depois de discussão em sala com todas e todos, decidimos coletivamente que este ensaio deveria constar no dossiê).

Para criação desta proposta, para seu desenvolvimento e finalização, foi fundamental o trabalho em parceria com a monitora do Programa de Assistência ao Ensino (PrAE), Celina Lerner, pesquisadora de doutorado em Ciências Humanas e Sociais da UFABC. Como moradora da região, ela tinha informações e conhecimentos fundamentais que auxiliaram muito os e as estudantes; como pesquisadora em ciências humanas, seu conhecimento e experiência em pesquisa qualitativa foram essenciais, dando segurança e confiança para testar esse modelo de proposta.

*Marilia Pisani e Cecilia Lerner*

*Universidade Federal do ABC*

*Outubro 2018*

### **Referências Bibliográficas**

BOGDAN, R.; BINKLEN, S. Trabalho de campo. In: BOGDAN, R.; BINKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Editora Porto, 1994, p. 111-145.

CANEVACCI, M. Sobre o perder-se no urbano. In: CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004, p. 13-17.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LEVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, 2002.